

aceitação

jeff vandermeer

Tradução de Casimiro da Piedade



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a Ann

ÍNDICE



1: LUZ DE NAVEGAÇÃO	13
2: LUZ FIXA	133
3: LUZ OCULTA	159
AGRADECIMENTOS	285

000X

A DIRETORA, DÉCIMA SEGUNDA EXPEDIÇÃO

Mesmo ali à tua frente mas fora do alcance: o ímpeto e a espuma das ondas, o odor penetrante do mar, as silhuetas cruciformes das gaivotas, os seus guinchos repentinos e agudos. Um dia normal na Área X, um dia fora do normal — o dia da tua morte — e tu estás ali, encostada a um monte de areia, meio abrigada por um muro em ruínas. O sol quente no teu rosto e a visão estonteante do farol lá em cima, um gigante que observa o que está em baixo e à sua sombra. O céu tem uma intensidade que não admite nada que não seja a sua prisão azul. Há grãos de areia viscosa e reluzente num corte na tua testa. Na tua boca, e a pingar dela, há *algo* picante que vem do fundo da garganta.

Sentes-te entorpecida e quebrada, mas há um estranho alívio misturado com o arrependimento: ter chegado tão longe, ter parado ali, sem saber como tudo aquilo vai acabar, mas, ao mesmo tempo, *descansar*. Poder descansar. Finalmente. Todos os teus planos na Extensão Sul, aquele medo contínuo e agonizante de falhar ou algo pior, o preço a pagar por essa agonia, tudo aquilo agora a pingar de ti na areia em grossas gotas vermelhas.

A paisagem avança sobre ti, encurvando-se sobre ti para te observar. Aqui e ali, flameja, ou rodopia em turbilhão, ou reduz-se a uma mera picada de alfinete, antes de voltar a ficar perfeitamente nítida. A tua audição também já não é o que era: está bem mais fraca, tal como o teu equilíbrio. Apesar disso, eis que surge diante de ti aquela coisa impossível: uma voz saída daquela paisagem como num truque de magia, e a sugestão de um par de olhos apontados a ti. O sussurro é-te familiar: *a sua casa está em ordem?* Mas pensas que quem pergunta aquilo pode ser um estranho, e decides ignorá-lo. Não gostas do que pode estar a bater-te à porta.

A dor latejante que sentes no ombro desde o encontro na torre está muito pior. A ferida traiu-te, fez-te dar o salto naquela vastidão azul apesar de não teres querido fazê-lo. Algum tipo de comunicação, uma ligação entre a ferida e a chama que viste a aproximar-se, a dançar por entre os

canaviais, traiu a tua soberania. A tua casa nunca esteve tão pouco em ordem como agora, mas sabes que, saia de ti o que sair dali a poucos minutos, algo ficará para trás. Por estas partes, desaparecer no céu, na terra, na água, não significa morrer.

Uma outra sombra junta-se à do farol.

A seguir, ouves o ruído de botas sobre a areia.

— Aniquilação! Aniquilação! — gritas, desorientada, antes de ficares ali a balançar de um lado para o outro até te aperceberes de que a aparição que se ajoelhou à tua frente é a única pessoa imune à sugestão hipnótica.

— Sou eu, a bióloga.

Apenas tu. Apenas a bióloga. É apenas a tua arma desafiante que investes contra os muros da Área X.

Ela corrige a posição do teu corpo e leva-te água à boca, a água que vai limpando algum sangue enquanto tosses.

— Onde está a topógrafa? — perguntas.

— No acampamento.

— Não quis vir contigo?

Teve medo da bióloga, teve medo daquela chama que crescia a olhos vistos, tal como tu.

— *Uma chama lenta, de fogo fátuo, a flutuar pelo pântano e pelas dunas, a flutuar, a flutuar. Não eras humana, mas uma coisa livre e flutuante.*

Uma nova sugestão hipnótica que tentas, para a acalmar, ainda que não vá ter mais sucesso do que uma canção de embalar.

À medida que a conversa se desenrola, continuas a fraquejar e a perder o fio à meada. Dizes coisas sem querer, tentando manter a fachada da pessoa que a bióloga acredita seres tu, a construção que erigiste para ela. Talvez não devesse preocupar-te com isso agora, mas achas que tens de continuar a representar o papel.

Ela está a acusar-te, mas não podes culpá-la por isso.

— Se foi um desastre, a culpa foi tua. Entraste em pânico e desististe.

Não é verdade: tu nunca desististe. Mas anuis com a cabeça mesmo assim, pensando em tantos erros que cometeste.

— Desisti, sim — dizes-lhe. — É verdade. Devia ter reconhecido mais cedo que tinhas começado a mudar.

Verdade.

— Devia ter-te enviado para a fronteira — continuas.

Mentes.

— Não devia ter ido lá abaixo com a antropóloga.

Uma semiverdade: a partir do momento em que a antropóloga abandonou o acampamento, decidida a provar que tinha razão, não tinha alternativa.

Estás a tossir cada vez mais sangue, mas isso já não tem importância.

— Como é o aspeto da fronteira?

Uma pergunta infantil. Uma pergunta cuja resposta não significa nada. A fronteira é tudo. Não há *uma* fronteira.

Digo-te quando lá chegar.

— O que é que acontece realmente quando atravessamos a fronteira?

Nada do que possas esperar.

— O que é que nos escondeste acerca da Área X?

Nada que vos pudesse ter ajudado.

O sol é um halo fraco sem centro, a areia que agarras com a tua mão direita é fria e quente ao mesmo tempo e a voz da bióloga vai-se ouvindo a espaços. A dor que vai regressando fá-lo agora a cada dois microssegundos, tão presente que já quase nem se dá por ela.

Acabas por reconhecer que deixaste de conseguir falar. Mas ainda ali estás, muda e distante, como uma criança deitada sobre um cobertor nessa praia e com um chapéu a cobrir-te os olhos. Induzida em sonolência pelo ritmo do som das ondas e da brisa marinha que vai temperando o calor que te invade e se alastra a todo o corpo. O vento nos teus cabelos é uma sensação tão remota como a agitação das ervas que cobrem uma rocha com a forma de cabeça ali perto.

— Desculpa, mas tenho de fazer isto — diz-te ela, quase como se soubesse que ainda a consegues ouvir. — Não tenho alternativa.

Sentes a tua pele a ser puxada, a breve incisão que ela faz com a lâmina ao retirar do teu ombro infetado uma amostra. Como que vindas do outro lado de uma enorme e intransponível distância, sentes duas mãos sobre ti enquanto a bióloga vasculha os bolsos do teu casaco. Encontra o teu diário. Encontra a tua arma escondida. Encontra a tua carta patética. Que irá achar de tudo aquilo? Nada, talvez. Talvez acabe por atirar a carta ao mar, junto com a arma. Talvez perca o resto da vida a analisar o teu diário.

Ela está ainda a falar.

— Não sei que te dizer. Estou furiosa. Assustada. Puseste-nos aqui e tiveste uma oportunidade de me dizer o que sabias, e não o fizeste. Não quiseste. Podia desejar que descanses em paz, mas não acho que vás ter paz.

E depois vai-se embora, e sentes saudades dela, o peso de um ser humano junto a ti, a bênção perversa daquelas palavras. Mas não sentes saudades por muito tempo porque estás já a desaparecer, a fundir-te na paisagem como um fantasma relutante, e consegues ouvir à distância uma música ténue e delicada, e algo que te tinha sussurrado antes ao ouvido volta a fazê-lo e dissolves-te no vento. Uma espécie de olhar alheio geminou-se em ti, facilmente confundível com os átomos do ar se não fosse pelo facto de parecer mais concentrado, mais determinado. Rejubilante, talvez?

Elevada no ar, acima dos lagos plácidos, dos pântanos, a cintilar numa poeira esverdeada contra o mar e a costa, ao sol quase poente. Depois uma curva repentina e eis-te na direção do interior, dos ciprestes e das águas negras. Uma nova subida abrupta, uma guinada em direção ao céu, apontada ao sol, a rodopiar, antes da queda livre, a virares-te para poderes olhar para baixo, para a terra que se aproxima rapidamente de ti, estendida e tensa para além do súbito lampejo e da lenta ondulação dos canaviais. Quase esperas ver ali o Lowry, sobrevivente ferido da longínqua primeira expedição, a rastejar em direção à segurança da fronteira. Mas o que vês é a bióloga a caminhar de regresso ao acampamento pelo trilho coberto pela noite, e, à espera dela, mais além, a chorar de dor, o psicólogo alterado da expedição anterior à tua. Culpa tua também, mas culpa tua sobretudo, e irrevogável. Imperdoável.

Quando dás uma nova curva, vês o farol a aproximar-se. O ar treme ao investir sobre ambos os lados do farol, e depois volta a ganhar forma, em permanente busca, em permanente experimentação, elevando-se bem alto para descer logo a seguir e, por fim, descrever um círculo, como o de um ponto de interrogação, para que possas observar a tua própria imolação: uma forma na areia, a jorrar luz. Que figura patética, para ali a dormir, a dissolver-se. Uma chama verde, um sinal de perigo, uma oportunidade. Estás ainda a planar pelos ares? Estás ainda a morrer, ou já morta? Já não sabes.

Mas o sussurro continua ativo no teu ouvido.

Não estás lá em baixo.

Estás cá em cima.

E há ainda uma interrogação.

Uma interrogação que continuará a soar até teres dado todas as respostas.

1

**LUZ
DE
NAV
EGA
ÇÃO**

0001

O FAROLEIRO

Fiz uma revisão geral ao mecanismo das lentes e limpei-as. Consertei a canalização no jardim. Fiz um pequeno arranjo no portão. Organizei as ferramentas, as pás e o resto no barracão. Visita da Brigada Espírito-Científica. Preciso de requisitar tinta para retocar a pintura do farol: o preto está gasto do lado virado ao mar. Também preciso de pregos e de voltar a verificar o estado da sirene virada a ocidente. Avistados: pelicanos, galinhas-de-água, uma espécie de toutinegra, imensos melros, maçaricos-brancos, um garajau-real, uma águia marinha, picapaus mosqueados, corvos-marinhos, pássaros azuis, uma cascavel anã (junto à cerca — não esquecer), um coelho ou outro, um veado de cauda branca, e, ao anoitecer, no trilho, muitos tatus.

Naquela manhã de inverno, o vento batia gelado contra o casaco de Saul Evans enquanto ele percorria o trilho a caminho do farol. Na noite anterior houvera tempestade e, à sua esquerda, o oceano aparecia cinzento e crispado contra o azul mortiço do céu, coado pela ondulação das aveias-do-mar. Pedações de madeira, garrafas, boias brancas desbotadas e um tubarão-martelo morto tinham dado à costa depois da tempestade, misturados com as algas, mas não houvera danos reais, tanto ali como na povoação.

A seus pés viam-se espinheiros e cardos de um cinzento escuro, que, na primavera e no verão, floririam e assumiriam uma cor púrpura. À sua direita, os lagos estavam negros, repletos dos guinchos e murmúrios dos mergulhões e dos patos-de-touca-branca. Os melros faziam voos picados vindos dos grossos ramos das árvores, voltavam a subir em pânico à sua passagem, e regressavam para se juntarem em grupos ruidosos. O leve odor salgado no ar frio e tonificante trazia um laivo de chamas: um fogo de lareira ainda vivo nalguma casa ou de uma fogueira por ali.

Saul vivera no farol durante quatro anos antes de conhecer Charlie, e ainda lá vivia, mas na noite anterior ficara em casa deste na povoação, a menos de um quilómetro do farol. Era uma coisa nova, acordada mutuamente sem uma única palavra trocada, e selada com o Charlie a puxá-lo de volta à cama quando ele se preparava para se vestir e ir-se embora. Uma coisa bem-vinda que trazia ao rosto de Saul um sorriso algo embaraçado.

Charlie quase nem se mexera quando Saul se levantou da cama, se vestiu e preparou uns ovos para o pequeno-almoço. Separou para aquele uma generosa porção, que manteve quente tapando-a com uma tigela, e juntou-lhe uma fatia de laranja. Ao lado da torradeira, deixou-lhe uma pequena nota, mesmo junto ao pão. Quando estava para sair, olhou para trás e ficou a observar o homem deitado na cama, meio coberto pelos lençóis. Mesmo com trinta e muitos anos, Charlie tinha o tronco escoreito e musculado, os ombros fortes e as pernas robustas de um homem que passara muita da sua vida adulta em barcos, a puxar redes de pesca, e o estômago liso de alguém que não passava muitas noites fora a beber.

Um clique suave ao fechar a porta, e depois uns passos enquanto asobiava ao vento como um idiota, a agradecer ao deus que acabara por dar-lhe aquela sorte, ainda que de uma forma tão adiada e inesperada. Certas coisas acontecem tarde na vida de uma pessoa, mas antes tarde do que nunca.

Em breve avistou o farol, altaneiro e sólido, bem acima dele. De dia, servia de marco de navegação para que os barcos conseguissem orientar-se nos baixios, mas estava ligado à noite também durante metade da semana, coincidindo com as rotas de tráfego comercial no alto-mar. Conhecia cada degrau das suas escadas, cada divisão dentro das suas paredes de pedra e tijolo, cada racha e pedaço de argamassa. A lente, ou lanterna, espetacular de quatro toneladas que estava no topo do farol tinha um funcionamento muito particular, e ele conseguia ajustar-lhe a luz de mil e uma maneiras. Uma lente de alta qualidade, com mais de um século.

Quando fora pregador, pensara que tinha conquistado uma espécie de paz, que tinha respondido a uma chamada, mas só depois do seu semiexílio, ao desistir de tudo aquilo, encontrou verdadeiramente o que procurava. Tinha-lhe levado mais de um ano a descobrir porquê. A pregação havia sido um ato de projeção para o exterior, de se impor ao mundo e esperar que este se projetasse de volta em si. Mas cuidar do farol era uma forma de

olhar para dentro e de se sentir menos arrogante. Ali, o seu conhecimento limitava-se ao mais prático, que aprendera com o seu antecessor: a manutenção da lente, o funcionamento preciso do ventilador e do painel de acesso à lente, o cuidado com a área em redor do farol, o conserto de tudo o que se quebrasse. Uma miríade de tarefas diárias. Agradecia por todas elas, satisfeito por não lhe darem oportunidade de pensar no passado, e não se importava por vezes de trabalhar em longos turnos — sobretudo agora, no rescaldo dos abraços de Charlie.

Mas esse rescaldo arrefeceu assim que viu o que o aguardava na área coberta de cascalho que servia de local de estacionamento, por dentro da impecável cerca branca que rodeava o farol e todo o terreno em volta. Viu a velha carrinha e, junto a ela, os dois recrutas habituais da Brigada Espírito-Científica. Tinham voltado a aparecer sem aviso, como se quisessem estragar-lhe a boa disposição, e tinham mesmo empilhado o seu equipamento junto ao veículo, impacientes que estariam por começar. Acenou-lhes de onde se encontrava, sem grande entusiasmo.

Estavam sempre por ali agora, a fazerem medições, a tirarem fotografias, a ditarem coisas para os bojudos gravadores que traziam, a fazerem os seus filmes. Mas em busca de quê? Conhecia a história daquele pedaço da costa, e como a distância e o silêncio engrandeciam os detalhes mais mundanos. Como naqueles espaços, no nevoeiro e nas praias desertas, os pensamentos podiam guinar para o bizarro e começar a criar histórias a partir do nada.

Saul levou o seu tempo até chegar ao farol: achava-os aborrecidos e cada vez mais previsíveis. Viajavam aos pares, certamente para poderem ter a sua dose combinada de espiritismo e ciência, e Saul dava por si a imaginar as suas conversas, as contradições que deviam minar estas, muito semelhantes às que o assolavam nos seus últimos tempos de pregador. Ultimamente, tinha sido visitado sempre pelo mesmo par: um homem e uma mulher, ambos com vinte e tantos anos, ainda que por vezes parecessem mais dois adolescentes, um rapaz e uma rapariga que tivessem fugido de casa com um *kit* de química e um tabuleiro Oujia.

Henry e Suzanne. Ainda que Saul tivesse assumido que a mulher fosse a supersticiosa do par, o facto é que ela era a cientista — de que especialidade? — e o homem era o investigador do sobrenatural. Henry falava com um ligeiro sotaque que Saul não conseguia identificar, colocando ênfase e autoridade em tudo o que dizia. Era roliço, tão bem escanhado quanto

Saul o não era, com olheiras sob os olhos azuis e madeixas de cabelo preto que tapavam uma testa involuntariamente alta. Henry não devia preocupar-se muito com coisas terrenas, como o tempo no inverno, porque usava sempre, com ligeiras variações, uma camisa azul de seda toda abotoada e calças de fato. As botas pretas reluzentes, com fechos de correr dos lados, não eram feitas para os trilhos daquelas partes mas para a cidade.

Suzanne parecia-se mais com o que as pessoas chamavam uma *hippie*, mas que, no tempo em que Saul era um rapaz, se chamaria uma comunista ou boémia. Tinha longos cabelos loiros e usava uma blusa de camponesa branca com bordados e uma saia de camurça castanha até abaixo do joelho, quase a tocar nas botas altas que completavam o seu uniforme. Nos seus tempos de pregador, tinha recebido na igreja algumas reparigas como ela: perdidas, a viverem na sua própria imaginação, à espera de algo que desse chama às suas vidas. A sua fragilidade aparente tornava-a mais parecida a uma gémea de Henry.

Os dois nunca tinham indicado os seus apelidos, ainda que um e outro tivessem dito algo semelhante a “Serum-list” certa vez, o que não fazia qualquer sentido. O certo é que Saul não queria saber muito mais acerca deles, e tinha apanhado o hábito de lhes chamar pelas costas “a Brigada Ligeira”. Pesos-pluma.

Quando chegou finalmente perto deles, saudou-os com um gesto da cabeça e um “olá” rude, e eles reagiram como sempre o faziam: como se ele fosse o dono da mercearia da vila e o farol fosse uma loja que servisse algo ao público. Se eles não tivessem uma autorização passada pelos serviços florestais, nem lhes teria aberto a porta.

— Não parece muito contente, Saul, apesar deste dia tão bonito — disse Henry.

— Está um belo dia, Saul — acrescentou Suzanne.

Lá conseguiu anuir com a cabeça e arrancar um sorriso meio amargo, o que os fez rir descontroladamente. Ignorou-os.

Mas eles continuaram a falar enquanto ele abria a porta. Queriam sempre falar, apesar de ele preferir que se limitassem a fazer o que vinham ali fazer. Daquela vez era sobre algo chamado “duplicação necromântica”, que tinha a ver com a criação de uma sala de espelhos na escuridão, pelo que julgou entender. Era um conceito esquisito e ele ignorou as suas explicações, sem ver nenhuma relação entre aquilo e a lanterna ou a sua vida no farol.

As pessoas naquela zona não eram ignorantes, mas eram supersticiosas, e, dado que o mar levava sempre algumas vidas, quem podia criticá-las por isso? Que mal havia em trazer um amuleto num colar, ou em dizer algumas palavras na oração para manter a salvo um ente querido? Os intrusos que tentavam explicar as coisas, que “analisavam e pesquisavam”, como dizia Suzanne, eram mal vistos porque isso trivializava as possíveis tragédias. Mas tal como com aquelas irritantes ratazanas dos céus, as gai-votas, uma pessoa acabava por se habituar à Brigada Espírito-Científica. Em certos dias mais feios, tinha já por hábito não se queixar da companhia. *Porque notamos o cisco no olho do vizinho e não damos pelo cepto no nosso?*

— O Henry acha que a lanterna do farol podia fazer as vezes de uma sala dessas — disse Suzanne, como se aquilo fosse uma enorme descoberta científica.

A Saul o entusiasmo dela parecia, ao mesmo tempo, sério e autêntico mas também algo frívolo e amador. Talvez acreditasse com a mesma força de um recém-convertido a Cristo: a novidade e a proximidade afastavam qualquer sombra de dúvida. Mas talvez eles não fossem recém-convertidos e se aproximassem mais daqueles pregadores que andavam de cidade em cidade, sempre prontos a montar tenda nos limites das vilórias, munidos do fervor das suas convicções e pouco mais. Talvez até não passassem de aldrabões. Na primeira vez que falou com eles, pareceu-lhe que Henry dissera que estavam a estudar a refração da luz numa prisão.

— Conhece alguma destas teorias? — perguntou-lhe Suzanne quando começaram a subir as escadas. Trazia uma máquina fotográfica pendurada ao pescoço e uma mala numa das mãos. Henry procurava não parecer afetado pelo esforço da subida e manteve-se em silêncio. Trazia equipamento pesado, grande parte dele metido numa caixa: microfones, auscultadores, sensores de raios ultravioleta, película de 8 mm e um par de engenhocas com visores, botões e outros indicadores.

— Não — respondeu Saul, sobretudo pelo prazer de contrariar, porque Suzanne tratava-o amiúde como alguém sem cultura, confundia a sua brusquidão com ignorância e via nas suas roupas modestas o sinal de um homem simples. Além disso, quanto menos dizia, mais eles pareciam relaxar. Fizera a mesma coisa com os potenciais doadores no seu tempo de pregador. E, no fundo, a verdade é que não sabia mesmo de que falava ela, tal como não soubera o que tinha Henry querido dizer quando afirmara

que estavam a estudar o “terruá” ou o “terror” ou lá o que era na região, mesmo quando ele soletrou a coisa: *t-e-r-r-o-i-r*.

— Partículas pré-bióticas — lá acabou Henry por acrescentar num tom jovial, ainda que algo forçado. — Energia fantasma.

Enquanto Suzanne complementava aquilo com uma longa palestra acerca de espelhos e coisas que podiam espreitar de dentro dos espelhos, e de como se podia olhar de lado para uma coisa e saber mais sobre a natureza dela do que se se olhasse para ela de frente, Saul interrogou-se sobre se eles eram amantes. O súbito entusiasmo dela pela parte “espírita” da brigada podia ter uma causa mais prosaica. Isso explicaria também o riso histérico deles à entrada do farol, uns minutos antes. Um pensamento pouco inocente, talvez, mas também uma forma de se aquecer na recordação da noite com Charlie.

— Continuamos lá em cima — acabou por dizer, já farto, e lançou-se escadas acima, galgando dois degraus de cada vez e deixando para trás Henry e Suzanne até deixar de os ver. Queria estar lá em cima o máximo de tempo possível sem eles. O governo aposentá-lo-ia obrigatoriamente quando fizesse cinquenta anos, mas planeava manter-se até lá na mesma forma que tinha então. Apesar das pontadas nas articulações.

Chegado ao topo do farol, com a respiração quase sem acusar o esforço, Saul sentiu-se feliz por encontrar a sala da lanterna tal como a deixara, com o saco da lente a cobri-la, para evitar riscos e descoloração pelo contacto com a luz solar. Tudo o que tinha a fazer era abrir as cortinas da sala para deixar entrar a luz. A única concessão que fazia a Henry, umas horas por dia.

Certa vez, avistara dali algo gigantesco a cruzar as águas para além das dunas, uma espécie de sombra, de um cinzento tão escuro e profundo que formara um vulto indistinto mas espesso e macio sobre o azul do céu. Mesmo com os binóculos, fora incapaz de identificar a criatura, ou aquilo em que ela se poderia transformar se ele continuasse a observar por mais tempo. Não soube se ela acabou por explodir nas incontáveis pequenas formas de um cardume de peixes, ou se a cor da água e a nitidez da luminosidade a faziam mudar e desaparecer, revelando-se não mais do que uma ilusão. Nessa tensão entre o que podia e não podia saber sobre o mundo em redor, sentiu-se confortável de uma forma que teria sido impossível uns cinco anos antes. Agora não precisava de grandes mistérios para além desses momentos em que o mundo parecia tão miraculoso

como nos seus antigos sermões. E era uma boa história para contar no bar da vila, o tipo de história que se esperava de um faroleiro, se é que alguém esperava algo dele.

— É por isso que nos interessa, e também por causa da forma como a lente veio aqui parar e da relação disso com a história dos dois faróis — disse Suzanne por trás dele. Parecia ter estado a manter uma conversa com ele na sua ausência, e dir-se-ia que acreditava que ele tinha estado a responder-lhe. Atrás dela, Henry estava prestes a cair para o lado, ainda que subir aquelas escadas se tivesse tornado já uma rotina.

— Tem uma vista maravilhosa daqui — disse, quando pousou o equipamento no chão e recuperou o fôlego. Dizia sempre isso, e Saul deixara já de corresponder com um anuimento gentil, ou com qualquer outro tipo de resposta.

— Quanto tempo vão ficar desta vez? — perguntou Saul. Já há duas semanas que vinham diariamente, e ele tinha-se abtido de fazer aquela pergunta, com medo da resposta.

O olhar ensombrado de olheiras de Henry pareceu focar-se.

— Desta vez temos uma autorização até ao fim do ano.

Em virtude certamente de alguma lesão antiga ou acidente, a sua cabeça pendia ligeiramente para a direita, sobretudo quando falava, com a orelha quase a tocar no ombro. Dava-lhe um aspeto mecânico.

— Deixem-me lembrar-vos: podem tocar na lanterna, mas não podem interferir, seja de que modo for, com o funcionamento dela.

Saul repetira este aviso todos os dias desde que os dois tinham voltado. Por vezes, em ocasiões anteriores, eles tinham revelado estranhas ideias acerca do que podiam ou não fazer.

— Tenha calma, Saul — disse Suzanne, e ele rangeu os dentes de modo ostensivo perante aquele uso do seu primeiro nome. No início chamavam-lhe Sr. Evans, e ele preferia que o fizessem.

Posicioná-los sobre o tapete que escondia a porta de um alçapão e uma divisão que servira para armazenar os materiais necessários à manutenção da luz do farol antes do advento da automatização deu-lhe um prazer quase juvenil. Não lhes contar nada acerca dessa divisão oculta era como manter em segredo uma divisão do seu cérebro, longe do alcance das suas pesquisas. Além disso, se aqueles dois eram tão observadores como pareciam julgar ser, teriam já concluído qual o motivo do súbito termo das escadas perto do topo do farol.

Quando se sentiu satisfeito com a colocação deles na sala e teve a certeza de que não iriam incomodá-lo, lançou-lhes um ligeiro gesto com a cabeça e saiu. A meio da descida, pensou ter ouvido o som de algo a partir-se vindo do topo, mas o som não se repetiu. Hesitou, e depois encolheu os ombros e continuou a descer a escada em espiral.



Lá em baixo, Saul ocupou-se no terreno em volta do farol, e pôs um pouco de ordem no barracão das ferramentas, que estava num estado caótico. Muitos caminhantes de passagem se tinham surpreendido por encontrarem um faroleiro ocupado com o terreno em torno da torre como se fosse um caranguejo-eremita sem carapaça, mas o certo é que havia sempre coisas a fazer pois as tempestades e o ar salgado podiam desgastar tudo se ele não estivesse vigilante. No verão era ainda mais difícil, por causa do calor e da agressividade das moscas.

Gloria, a criança, surpreendeu-o quando ele estava a inspecionar o barco por trás do barracão. Este encontrava-se no limite de um cumo de solo misturado com um composto de restos de cascas de moluscos paralelo à praia e a uma linha de rochas que se estendia até ao mar. Na preia-mar, o mar subia e alimentava pequenas piscinas naturais cheias de anémonas, estrelas-do-mar, caranguejos azuis, caracóis e pepinos-do-mar.

Apesar dos seus nove anos — “nove e meio!” —, era alta e impunha uma presença sólida, e, ainda que vacilasse de vez em quando em cima das rochas, a sua mente não mostrava quaisquer sinais de hesitação, o que Saul admirava. Próximo da meia-idade, o seu cérebro começava já a mostrar aqui e ali alguns sinais de incerteza.

E ali estava ela de novo, firme sobre as rochas, com a sua vestimenta invernal — calças de ganga, casaco com capuz sobre uma camisola quente e botas grossas para os seus pés largos —, enquanto ele terminava as operações no barco e se preparava para levar estrume no carrinho de mão para as traseiras do barracão. Estava a falar com ele. Estava sempre a falar com ele, desde que começara a aparecer por ali, cerca de um ano antes.

— Sabes, os meus avós viveram aqui — dizia ela. — A mamã diz que viveram mesmo aqui, onde está o farol.

Tinha uma voz profunda e bem calibrada para alguém tão jovem, o que por vezes o surpreendia.

— Os meus também, miúda — retorquiu Saul, despejando o conteúdo do carrinho no monte de estrume. A verdade, porém, era que o outro lado da sua família tinha sido uma bizarra combinação de traficantes de bebidas alcoólicas e fanáticos religiosos, e ele adorava contar no bar da vila que eles “tinham vindo para ali em fuga da liberdade religiosa”.

— Não antes dos meus — disse ela, depois de pensar nas palavras de Saul durante uns segundos.

— E isso importa?

Apercebeu-se de que não tinha calafetado uma ou duas rachas no casco do barco.

A menina franziu o sobrolho: Saul sentiu-o mesmo estando de costas viradas para ela.

— Não sei.

Olhou para ela e viu que tinha deixado de saltitar de rocha para rocha e decidira que equilibrar-se no cimo de uma perigosamente aguçada fazia mais sentido. Ver aquilo deixou-o com o estômago aos saltos, mas ele sabia que ela nunca escorregava, ainda que parecesse estar em perigo muitas vezes, e, por mais que lhe dissesse que não o fizesse, nunca lhe dava ouvidos.

— Acho que sim — disse ela, continuando a conversa. — Acho que importa.

— Uma oitava parte de mim é de origem índia. Também estive aqui. Uma parte de mim esteve.

Valesse isso o que valesse. Um familiar distante tinha-lhe falado da vaga de faroleiro, era certo, mas mais ninguém parecia estar interessado em ocupá-la.

— E depois? — lançou ela, saltando para outra rocha afiada, equilibrando-se no topo com os braços a tremer, o que fez com que Saul desse dois passos na sua direção, movido pelo receio.

Grande parte do tempo achava-a um estorvo, mas ainda não tinha conseguido ver-se livre dela. O pai vivia algures no centro do país e a mãe habitava uma casa na costa e tinha dois empregos. Tinha de vir até Bleakersville, uma distância considerável, pelo menos uma vez por semana, e devia achar que a filha conseguia desenrascar-se sozinha de vez em quando, sobretudo se o faroleiro a tivesse debaixo de olho. E o farol exercia sobre Gloria um fascínio que ele não tinha sido capaz de quebrar com a sua rotina monótona de pequenos afazeres no barracão e deslocações com o carrinho de mão para transportar estrume.

Também no inverno ela ficava entregue a si mesma, a percorrer os lamaçais a oeste, a enfiar um pauzinho nos buracos feitos pelos caranguejos-violinistas, a correr atrás de uma corça meio domesticada ou a observar as fezes deixadas por coiotes ou ursos, como se escondessem algum segredo. Tudo servia para a distrair.

— Quem são aquelas pessoas estranhas que vêm aqui de vez em quando?

Isso quase o fez rir. Havia muita gente estranha escondida naquele pedaço de costa, ele incluído. Alguns fugiam do governo, outros deles mesmos, e outros ainda dos maridos ou das mulheres. Alguns acreditavam que estavam a criar os seus próprios estados soberanos. Um par deles deviam até ser emigrantes ilegais. As pessoas faziam perguntas, mas ninguém esperava receber uma resposta honesta. Apenas uma bem criativa.

— Que pessoas?

— Aquelas com os cachimbos.

Saul levou um momento a processar estas palavras, imaginando Henry e Suzanne a andarem ao longo da costa com cachimbos na boca, a fumarem como loucos.

— Cachimbos? Ah, não são cachimbos. São outra coisa.

O mais certo era serem uns repelentes de mosquitos enormes e translúcidos. Tinha deixado que os da Brigada guardassem os repelentes na sala das traseiras do piso térreo do farol durante uns meses no verão anterior. Como é que ela os tinha visto?

— Quem são eles? — insistiu ela enquanto se equilibrava em duas rochas, o que pelo menos o deixou respirar com algum alívio.

— Vieram da ilha.

O que era verdade: a sua base estava ainda na Ilha Failure, que abrigava dúzias deles. Um autêntico viveiro deles. “A fazerem testes”, segundo se dizia no bar da vila, onde uma boa história era sempre apreciada. Investigadores privados com autorização governamental para procederem a análises. Mas os rumores insinuavam também que a Brigada tinha uma agenda algo mais sinistra. Teria sido o aspeto metódico e a precisão de alguns deles ou a desorganização evidente noutros que originara esse rumor? Ou teria ele surgido do desejo de um par de reformados bêbedos e entediados a viverem em caravanas de contar umas patranhas?

A verdade é que ele não sabia o que faziam na ilha, ou o que planeavam

fazer com o equipamento no piso térreo, ou mesmo o que Henry e Suzanne estavam nesse preciso momento a fazer no topo do farol.

— Eles não gostam de mim — disse ela. — E eu não gosto deles.

Não consegui evitar rir-se, em particular pelo modo descarado com que ela o dissera, de braços cruzados, como se tivesse decidido ali mesmo que eles seriam o seu inimigo eterno.

— Estás a rir-te de *mim*?

— Não. Não estou. És uma pessoa curiosa, fazes perguntas. É por isso que não gostam de ti. É só por isso.

Pessoas que faziam perguntas nem sempre gostavam que se lhes perguntasse algo.

— Qual é o mal de fazer perguntas?

— Nenhum.

Mentira. Assim que as perguntas começavam a surgir, o que até ali era certo tornava-se incerto. As perguntas abriam o caminho à dúvida. O seu pai dissera-lhe isso. “Não os deixes fazer perguntas. Tu já lhes estás a dar as respostas, mesmo se eles não o sabem.”

— Mas tu também és curioso.

— Porque dizes isso?

— Tu guardas a luz. E a luz vê tudo.



A luz podia ver tudo, mas ele tinha-se esquecido de um par de tarefas que o manteriam afastado do farol por mais tempo do que ele desejara. Encaminhou o carrinho de mão até ao piso de cascalho junto à carrinha estacionada. Sentiu uma vaga urgência, como se tivesse de ver o que estavam eles a fazer lá em cima. E se tivessem descoberto o alçapão e feito alguma estupidez, como cair e partir os seus pescocinhos esquisitos? Olhou para cima e viu Henry a olhar para baixo do parapeito, e isso fê-lo sentir-se um idiota. Como se estivesse possuído pela paranoia. Henry acenou. Ou teria sido um outro tipo de gesto? Meio tonto, Saul desviu o olhar e deu meia-volta com o carrinho de mão, desorientado pelo brilho do sol.

Foi aí que viu algo a brilhar na relva, meio escondido por uma planta que crescia entre um tufo de ervas daninhas onde encontrara um esquilo morto uns dois dias antes. Um pedaço de vidro? Uma chave? As folhas

verdes-escuras formavam uma espécie de círculo, tapando tudo o que pudesse estar na base. Ajoelhou-se e aparou a intensidade da luz com uma mão, mas a coisa brilhante estava ainda tapada pelas folhas. Ou seria parte de uma das folhas? Fosse o que fosse, era extremamente delicada, mas, de um modo quase perverso, lembrou-lhe a lente de quatro toneladas lá bem no cimo do farol.

Nas suas costas, o sol era como uma coroa sussurrante. O calor aumentara, mas sentia-se uma ligeira brisa que levantava as folhas das pequenas palmeiras num suave chocalhar. A miúda estava algures lá atrás, a cantar qualquer coisa sem sentido, tendo regressado das rochas mais cedo do que ele esperara.

Nada existia naquele momento para além da planta e daquela reverberação que ele não conseguia identificar.

Tinha ainda as luvas postas, por isso ajoelhou-se junto à planta e levou uma mão até à fonte daquele brilho, afastando as folhas. Seria uma pequeníssima espiral de luz? Lembrou-lhe um caleidoscópio, mas com uma intensidade luminosa ainda maior. No entanto, fosse o que fosse, continuava a girar e a brilhar e a escapar ao alcance da sua mão, e ele começou a sentir-se enfraquecer.

Assustado, começou a recuar.

Mas era tarde de mais. Sentiu que uma lasca de madeira se lhe tinha espetado no polegar. Não houve dor, apenas uma ligeira pressão e depois uma dormência, mas mesmo assim deu um salto de surpresa, soltando um grito e abanando a mão de um lado para o outro. Agitado, retirou a luva e observou o polegar. Sabia que Gloria estava a olhar para ele, sem saber certamente o que se passava.

O brilho no solo tinha desaparecido. A luz na base da planta apagara-se.

Lentamente, Saul começou a relaxar. Não sentia nada no polegar. Não havia qualquer sinal de uma ferida, de um furo. Pegou na luva e inspecionou-a, mas não encontrou qualquer rasgão.

— O que foi? — perguntou Gloria. — Foste picado?

— Não sei.

Sentiu que outros olhos o fitavam e virou-se. Ali estava Henry. Como é que tinha descido as escadas tão depressa? Teria passado mais tempo do que ele julgara?

— Há algum problema, Saul?

Mas Saul não conseguiu alinhar a preocupação expressa por Henry

com qualquer preocupação no seu tom de voz. Porque não havia nenhuma. Apenas uma estranha ansiedade.

— Não — respondeu, com um desconforto que não conseguiu entender. — Foi só uma picadela no polegar.

— Com as luvas postas? Deve ter sido um valente espinho.

Henry estava a perscrutar o solo como alguém que tivesse perdido um relógio estimado ou uma carteira cheia de dinheiro.

— Estou bem, Henry. Não se preocupe. — Estava mais aborrecido consigo mesmo por ter feito aquela figura, mas também queria que Henry acreditasse nele. — Pode ter sido um choque elétrico.

— Talvez...

O brilho nos seus olhos era o de uma luz fria que chegava até Saul vinda de um farol muito distante, como se Henry estivesse a transmitir uma mensagem completamente distinta.

— Está tudo bem — insistiu Saul.

Estava tudo bem.

Estaria?